

## AOS CUIDADOS DE PAULOCOELHO.COM – O PÚBLICO E AS PRÁTICAS DE RECEPÇÃO E CONSUMO NOS *BLOGS* DO AUTOR

Sayonara Amaral de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Procede-se a uma leitura dos relatos de recepção dirigidos a Paulo Coelho, a partir das correspondências enviadas por um público anônimo de leitores que comparece nos *blogs* do autor. Nas falas dos leitores, são expostas demandas e expectativas diversas, que situam no espaço midiático da internet uma instância de reconhecimento cultural para o escritor e um campo de legitimação das experiências estéticas e pactos de recepção registrados pelo público.

**Palavras-chave:** recepção; mídia; público receptor; práticas culturais

Nas páginas eletrônicas disponíveis nos *blogs* assinados por Paulo Coelho, extrapolando dos índices estatísticos por meio dos quais frequentemente se divulga o seu êxito editorial na mídia convencional, uma comunidade anônima de leitores torna-se tangível na tessitura de falas postas a circular na rede. Os seus relatos, assim como as experiências de recepção que daí se depreendem, são instâncias de produção de sentidos, nas quais se inscrevem, além de interesses diversos, dispositivos de ação em comum, ao recobrem o exercício da correspondência para (e sobre) um escritor, explorando modos distintos de ler uma produção e de consagrá-la em um outro contexto ritual.

Reunidos no endereço [www.paulocoelho.com.br](http://www.paulocoelho.com.br), os *blogs* “Encontros no Caminho” e “O espaço dos leitores de *A bruxa de Portobello*” atendem ao formato comum de uma página eletrônica pessoal, na qual o proprietário deposita textos, preferencialmente de sua autoria, disponibilizando janelas de entradas para a postagem de comentários. Desde que entram em atividade, em meados de 2006, até dezembro deste mesmo ano, encontram-se listadas, ao todo, 3.134 entradas com mensagens de leitores de língua portuguesa.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal de Bahia e Professora de Literatura da Universidade do Estado da Bahia. [sayo22@terra.com.br](mailto:sayo22@terra.com.br)

<sup>2</sup> Para esse recorte temporal, tomei como critério a alta incidência de entradas com postagens durante o período assinalado. Ainda que os *blogs* continuem em atividade após essa fase, é notável uma significativa diminuição na frequência das entradas. Atualmente, as páginas se encontram encerradas e arquivadas, embora o espaço dos *blogs* permaneça, com uma nova configuração.



Considerando o espaço em que se manifestam, a condição de emergência dessas falas notifica o desempenho das mídias digitais contemporâneas quanto à dinamização de canais de expressão e de visibilidade para um público anônimo, segundo estudiosos. Em sua abordagem sobre o tema, Pierre Levy afirma que as novas mídias favorecem o “fim dos monopólios de expressão”, tornando possível aos indivíduos produzirem ou colocarem em circulação textos de toda espécie.<sup>3</sup> Endossando esse raciocínio, o pesquisador André Lemos destaca a peculiaridade da internet no confronto com os meios eletrônicos convencionais, os quais deteriam o controle da emissão no processo da comunicação. Diferentemente desses meios, as tecnologias informáticas liberariam o pólo de emissão, abrindo-se em “novas formas de relacionamento social, de disponibilização da informação e na opinião e movimentação social da rede”.<sup>4</sup>

O alargamento das possibilidades de expressão junto aos meios de comunicação em geral é avaliado por Gianni Vattimo como um processo que precipita a “explosão de visões de mundo”, na contramão da razão ilustrada, dominante na cultura ocidental. Nos seus termos, “esta multiplicação vertiginosa da comunicação, este ‘tomar a palavra’ por parte de um número crescente de subculturas, é o efeito mais evidente do *mass media*”.<sup>5</sup> Tal efeito multiplicador, decorrente da proliferação dos meios, coloca em abalo a visão tradicional da história como um curso unitário, promovendo a “dissolução dos pontos de vista centrais”, o que permite registrar a emergência de uma pluralidade de representações, de histórias e de saberes oriundos de universos culturais tidos periféricos.

As reflexões antológicas de Walter Benjamin sobre a dinâmica social favorecida com os meios massivos de produção e reprodução dos bens artísticos contribuem também para uma compreensão do estatuto das falas dos leitores de Paulo Coelho, nos contatos que buscam travar na mídia digital. De acordo com Benjamin, diante dos produtos culturais serializados, despojados do halo, do brilho do autêntico e do eterno informados pela tradição erudita, o movimento afluyente do grande público se orienta para um poder de uso mais democrático da arte, antes retida ao alcance de poucos. Com o alargamento dos meios de comunicação, observa-se ainda a presença crescente de figuras anônimas, pessoas “comuns”, prontas a se pronunciarem como especialistas em

<sup>3</sup> Cf. LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

<sup>4</sup> LEMOS, André. *Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época*. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23 Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2008.

<sup>5</sup> VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Tradução de Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D’Água, 1992. p. 12.

qualquer área ou atividade de seu interesse, a exemplo do que ocorreu inicialmente nos espaços reservados às “cartas dos leitores” em jornais e revistas de larga circulação. Na medida em que se encurtam ou se abolem as distâncias entre os bens artísticos, as mídias e o público, esse último conquista o cenário, explorando experiências estéticas e culturais que depõem sobre o seu conhecimento e sensibilidade, bem como sobre a força de sua competência para expressá-los.

Formuladas na década de 1930, as análises de Benjamin podem ser lidas, em certa medida, como uma antecipação do que vem ocorrendo na contemporaneidade, quando a multiplicação dos *media* alcança proporções redobradas, sobretudo diante das redes informatizadas. A sua leitura auxilia, portanto, no entendimento dos usos que fazem os leitores do espaço dos *blogs* de Paulo Coelho – um diálogo que, sem dúvida, justifica-se também pelo fato desse público se dirigir a um escritor cuja trajetória se imprime de firmes incursões na cultura midiática, com a sua produção literária massiva, serializada, inscrita na dinâmica de técnicas e estratégias de produção e distribuição, condizentes com um mercado de bens culturais arrojado.

Considerando o estatuto da correspondência, aliado à dinâmica da exposição pública que a mídia digital viabiliza, a designação “cartas do leitor” ou “seção do leitor” mostra-se proveitosa para identificar a funcionalidade dos *blogs* diante do público que aí comparece. Agregadas ao *site* oficial do escritor, domicílio próprio, institucionalizado sob o signo de sua eminente assinatura, essas páginas adquirem o *status* de uma caixa postal virtual, a partir da qual o público se manifesta, majoritariamente, à maneira do gênero epistolar – mídia tradicional, cuja significativa expressão está em propiciar modalidades de contato que se querem estreitas, pessoais, deflagradoras de subjetividades.

Michel Foucault, em sua análise da prática da correspondência na Antiguidade Clássica, assinala o modo pelo qual a escritura da carta desempenha esse papel, por demarcar “uma espécie de presença imediata e quase física” do signatário perante o seu interlocutor, constituindo-se em um exercício pessoal de subjetivação e, simultaneamente, de objetivação. A carta enviada representa uma maneira de o remetente se expor ao outro, sobre o qual irá intervir, e também um modo de se expor a si próprio, atestando a “qualidade de um modo de ser.”<sup>6</sup>

Permeadas por um timbre subjetivo, pessoal, as mensagens emitidas por essa comunidade de leitores expõem universos singulares, demandas, gostos, opiniões e

---

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 2002.

protocolos de leitura diversos, razão pela qual não se pretende e nem tampouco se faria possível tomá-las em um quadro acabado para o entendimento da recepção. Ressaltando que o público de Paulo Coelho não se encerra nos limites dessas páginas eletrônicas, a comunidade de leitores que posta para o escritor constitui-se por uma heterogeneidade de vozes, oriundas de contextos socioculturais diversos, de diferentes lugares de fala, dispersos, imprecisos, trazendo consigo distintas matizes de produção e negociação de sentidos.

Em uma matéria da Revista *Época*, o jornalista Luís Antônio Giron comenta a criação dos *blogs* como uma forma de Paulo Coelho “renovar o seu prestígio com o público jovem que usa a Internet”.<sup>7</sup> Essa observação merece uma ressalva quanto à sugestão de que os *blogs* do escritor centralizariam leitores inéditos, a serem iniciados no ambiente virtual. Na maior parte das mensagens postadas, os remetentes depõem sobre a sua “relação” com o escritor no exterior da mídia digital e muito anterior ao advento dos *blogs*, o que leva a confirmar que esses pactos de recepção se constituem ao longo de uma trajetória profissional sedimentada e perante a qual o uso extensivo da internet representará uma etapa complementar.

Contudo, o comentário do jornalista torna-se procedente para inferir, ao menos em linhas gerais, algum perfil do público de receptores que comparecem nos *blogs*, levando em conta também a opinião de estudiosos acerca da tendência predominante dos jovens no uso dessas tecnologias.<sup>8</sup> Ainda que se declarem idades diferenciadas, muitas destas escapando ao que se entende por um paradigma social da juventude, nas poucas ocasiões em que os leitores explicitam a sua atividade ou ocupação, são registradas identificações concernentes à esfera escolar. Trata-se de estudantes do Ensino Fundamental, Médio e, em menor escala, do nível Superior. A pouca incidência de leitores que declaram um nível mais elevado de escolarização permite inferir sobre o valor da literatura como bem simbólico de alta cotação, o que frequentemente não é atribuído à produção de Paulo Coelho, sobretudo junto ao meio universitário – dado que é referido, inclusive, por alguns leitores nos *blogs*.

Mediante a condição publicizada em que esses leitores se pronunciam, muitas vezes inibidora do registro de maiores detalhes pessoais, cumpre observar que a maioria

<sup>7</sup> GIRON, Luís Antônio. *Mente aberta. Época*, São Paulo, n. 436, set. 2006, p. 30.

<sup>8</sup> Cito Philippe Breton: “El culto de Internet es un culto joven, de jóvenes y para jóvenes. Está concebido como una especie de proceso de ‘revolución permanente’, donde son los jóvenes los que determinan la dirección del movimiento.” Cf. BRETON, Philippe. El culto internet: contracultura y exaltación de la juventud. *Le Monde Diplomatique*, Edición Cono Sur, n. 16, oct. 2000, p. 33. Disponível em: <[www.insumisos.com/diplo/NODE/2553.HTM](http://www.insumisos.com/diplo/NODE/2553.HTM)>. Acesso em: 19 jun. 2007.

do público aí presente não deve ser tomada em correspondência ao esboço acima descrito. Em grande parte das mensagens, informações como idade ou tipo de ocupação não são trazidas, sendo priorizado o objetivo maior de estabelecer um diálogo com o escritor. Quando contemplam, de forma esparsa, alguma notificação sobre as suas atividades, os remetentes se identificam, além de estudantes, como professores, jornalistas e profissionais liberais.

A inviabilidade de apreender identificações precisas nessa comunidade de leitores justifica os cuidados que não devem ser perdidos de vista quando se trata do conceito de público, na contemporaneidade. A esse propósito, Néstor García Canclini adverte: “o que se denomina público, a rigor, é uma soma de setores que pertencem a estratos econômicos e educativos diversos, com hábitos de consumo cultural e disponibilidade diferentes para relacionar-se com os bens oferecidos no mercado.” Nas sociedades complexas, sobretudo, “em que a oferta cultural é muito heterogênea, coexistem vários estilos de recepção e compreensão, formados em relações díspares com bens procedentes de tradições cultas, populares e massivas.”<sup>9</sup>

Michel de Certeau também auxilia a entender o quanto se torna improdutivo mensurar a prática complexa da recepção numa visada totalizante e homogênea. Na contramão das abordagens do consumo cultural que dispõem os bens simbólicos e seus receptores no interior de mapas estatísticos e segmentações, com o intento de constatar o funcionamento da circulação desses bens, Certeau assinala os “usos” ou “fabricações” dos receptores como práticas que escapam ao controle de tal lógica. Trata-se de usos particularizados, formas de apropriação insuspeitadas – fabricações aleatórias e desviantes, que extrapolam os sentidos “previamente” assinalados nos produtos consumidos. Essas “maneiras de fazer” ou operações dos usuários não se deixam capturar por uma modalidade exclusiva de apreensão e muito menos por análises de cunho quantitativo.

Em uma aproximação dos textos e diálogos postados nos *blogs*, reiterando que não se propõe aqui tecer-lhes apreciações definitivas, pode-se elencar os assuntos recorrentes e convergentes tratados pelos leitores. Tais assuntos se reúnem em torno de três temas centrais: a figura do escritor, os agradecimentos pela relevância da obra na vida dos receptores e os pareceres de leitura sobre os romances lidos. Essas temáticas podem perpassar simultaneamente o corpo de uma mensagem ou se destacarem como o conteúdo específico em uma única fala. Aqui, não são ignorados também os tópicos

---

<sup>9</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 150.

laterais, que, disseminados na fluência dialógica dos textos, também importam à recepção, vindo a confirmar o seu caráter distendido e complexo.

Em sua generalidade, os temas elencados não explicitam as estratégias e nuances de leitura que atravessam os relatos de recepção. Para tanto, pode-se construir uma categorização, no intuito de “figurar” alguns perfis de leitor, a partir dos tipos de mensagens emitidas. À medida que os temas destacados muitas vezes se articulam e se revezam nas mensagens postadas, deve-se assinalar que tais categorias são permeáveis e, desse modo, os leitores podem pertencer (e em geral pertencem), simultaneamente, a mais de uma categoria. Sem ignorar que procedimentos de categorização podem resultar, inevitavelmente, em contenções de cunho estereotípico, cumpre salientar que as figurações construídas e expostas aqui de forma breve e sucinta não visam à redução do público e de seus diferenciados modos de ler a uma interpretação exclusivista ou definitiva. Intenta-se, ao contrário, dar-lhes visibilidade.

Diante disso, pode-se destacar, dentre as categorias esboçadas, a figura do *leitor divulgador*, compreendendo um grupo de leitores que afirmam ter conhecido a obra do escritor através de empréstimos de amigos e que prometem dar continuidade ao gesto de partilha, a fim de expandir a sua rede de recepção: “Vou falando para todos os meus amigos e amigas o quanto é surpreendente ler seus livros!”, declara uma leitora entusiasmada. Em alguns casos, os remetentes explicam a leitura “de empréstimo” alegando dificuldades financeiras para adquirirem os seus próprios livros – dado que acusa uma das razões históricas para a fragilidade do sistema de consumo de livros no país. Esses leitores afirmam que somente conseguiram comprar poucos títulos graças a alguma promoção ocasional, realizada por jornais. É frequente ainda que, pelos motivos expressados, solicitem o envio gratuito de romances.

Ganham relevo as mensagens dos leitores que contribuem para promover a figura pública do escritor, prestando testemunho do seu prestígio e notoriedade no cenário cultural, a exemplo de jornalistas e comunicadores de rádio que aproveitam o espaço dos *blogs* para tentarem uma entrevista com Paulo Coelho ou para convidá-lo a prestigiar algum evento. Nessas mensagens, como em outras que veiculam diferenciadas formas de felicitações e homenagens, confirma-se a observação de Nestor Canclini acerca do consumo da imagem pública do artista, nos tempos contemporâneos. Diante do alargamento dos mercados de bens simbólicos e da cultura do espetáculo, deflagra-se o interesse pela vida cultural dos produtores, pela biografia que se divulga, o que reitera o caráter institucionalizado do campo literário ou artístico no contexto midiático.

Nos *blogs*, um volumoso grupo que solicita o envio de livros e cartões autografados, o qual pode ser aqui reunido na categoria *leitor colecionador*, também repercute a tendência assinalada por Canclini. Em geral, os leitores almejam a assinatura do autor como um bem simbólico a ser resguardado: “gostaria muito de ter um dos seus livros autografados para a posterioridade”, afirma uma leitora. Tal demanda, relacionada à extensão do capital cultural do escritor, traduz-se como um ritual de consagração que atesta o seu prestígio, ao tempo em os leitores podem se mostrar, eles próprios, prestigiados ante a obtenção desse bem. O valor inestimável da assinatura torna o livro autografado um objeto singular e distinto.

O *leitor “musical”* é outra categoria a recortar, a partir das mensagens que remetem à trajetória de Paulo Coelho no circuito da música *pop*. O destaque é conferido à sua parceria com Raul de Seixas, ao lado de quem o escritor se tornou conhecido como letrista, a despeito de ter assinado composições para outros nomes no cenário nacional, como Elis Regina e Rita Lee. São notórias, portanto, a força daquela parceria firmada nos anos 1970 e a sua repercussão ainda na atualidade, conforme atestam muitos comentários. Alguns leitores indagam, em tom de nostalgia, se o escritor não pensa em voltar a compor como “naquela época” e citam trechos das músicas que elegem como as suas favoritas, produzidas pela dupla. Um leitor chega ainda a declarar: “Tenho ouvido muito Raul Seixas nas últimas semanas e não sei exatamente quais músicas são composições suas”. Esse interesse pela identificação precisa da assinatura nos títulos publicados denuncia os vestígios da crítica biográfica tradicional, a qual atende à lógica das classificações e atribuições, edificante do “nome de autor”, conforme tratado por Michel Foucault.

Entre as mensagens postadas, um grupo registra o seu mal-estar em relação às críticas dirigidas ao escritor, razão pela qual se pode aqui nomeá-lo sob a figuração *leitor “escudeiro”*. Em grande parte das falas, essa orientação temática encontra-se marcada pelo acompanhamento de notícias veiculadas em revistas ou jornais. Nesse grupo, observa-se a presença de estudantes e também de professores – demarcação de um lugar de fala que não se faz aí de modo aleatório, considerando a proeminência da escola no tratamento e legitimação dos assuntos pertinentes à cultura literária e letrada, sobre a qual a palavra da crítica exerce influência.

Quase sempre os leitores reagem à representação da crítica por meio de falas inflamadas, procedendo à defesa de Paulo Coelho. Para tanto, acionam expressões que já constituem lugar-comum nos debates acerca das relações entre a crítica e os

produtores de arte, ao afirmarem categoricamente que os críticos são “invejosos” ou que “gosto não se discute”. Diante dessas falas, por vezes afrontadoras, pode-se inferir que a recusa do escritor pela chamada crítica especializada, muito disseminada na mídia, resulta numa força instituinte do capital simbólico reunido por Paulo Coelho junto aos leitores tidos “comuns”.

O rechaço da crítica permite, inclusive, vislumbrar o modo pelo qual se reforçam os laços de identificação do público com o escritor, a partir da cisão entre juízos e gostos autorizados ou não. “Quem eles pensam que são?” – declara uma remetente, expressando o seu aborrecimento em relação aos críticos. Tendo em conta que o consumo cultural é também um lugar em que são demarcadas e comunicadas as hierarquias e exclusões, para a parcela do público que demanda essa questão, o espaço dos *blogs* representa sem dúvida uma espécie de tribuna, dando-lhes a possibilidade do direito de resposta.

Pode-se registrar a presença dos leitores que comparecem aos *blogs* com o intuito de declarar as suas intenções de seguir a carreira literária, repetindo um procedimento comum a artistas iniciantes, quando se dirigem a autores reconhecidos, com uma trajetória profissional consolidada. Em grande parte dessas mensagens, que podem ser aqui reunidas na categoria *leitor aspirante a escritor*, os leitores se identificam como estreantes ou amadores no processo, confessando terem sido despertados na arte da escrita por força da inspiração que encontram em Paulo Coelho. Com frequência, recorrem aos *blogs* para obter conselhos de ordem diversa, solicitando orientações quanto ao processo da criação artística ou relatando as dificuldades enfrentadas com a escolha da profissão. São muito comuns as queixas referentes a entraves no acesso ao campo literário, a exemplo da fala de um jovem poeta que declara com pesar: “Paulo, escrever e publicar meu trabalho nunca foi tão difícil e humilhante”.

A expectativa de estrear na carreira literária, repercutindo nas mensagens postadas por esse grupo de leitores, pode ser flagrada de forma contundente numa proposta inusitada lançada ao escritor: “Seria pedir muito que esse nosso amigo um dia pensasse em criar uma editora especializada em receber originais de autores não publicados, aberta a ouvir vozes de qualquer credo, raça ou nacionalidade?” No pedido “concreto” de auxílio para a publicação, confirma-se a força da institucionalização da literatura. O reconhecimento do êxito profissional alcançado por Paulo Coelho, inscrevendo-se no imaginário desses leitores, permite registrar dispositivos e protocolos de identificação reveladores da feição expandida dessa recepção, no âmbito cultural.

O leitor “*aprendiz de feiticeiro*”, outra categoria configurada, reporta-se àqueles que enfatizam o viés místico ou “esotérico” perpassando a literatura e a vida cultural do escritor. Em grande parte das postagens, os leitores costumam manifestar o seu próprio conhecimento acerca do assunto, reportando-se ao consumo de obras que tratem de temas similares. Tendem, ainda, a citarem nomes de lugares místicos que desejam conhecer, com destaque especial para o Caminho de Santiago de Compostela, rota sagrada da Espanha, legendária por suas peregrinações e núcleo temático do livro *O diário de um mago*, um dos primeiros sucessos editoriais de Paulo Coelho.

Pode-se inferir que a mobilização dos leitores junto ao viés místico decorre, em grande parte, do tratamento conferido a essa temática pelo autor, quando articula, em suas narrativas, uma vivência espiritual dessacralizada, isto é, desprovida da grandiosidade de ritos e cerimônias secretas ou êxtases sobrenaturais, o que torna tal vivência tangível, próxima do universo dos leitores. Nas tramas de seus romances, indivíduos “normais”, em circunstâncias comuns, têm acesso a uma espiritualidade, extraída não de grandes revelações, mas do cotidiano mais prosaico. A conexão entre o misticismo e as cenas da vida mundana, com o acréscimo do teor biográfico nos relatos de experiências vividas pelo autor, vem reforçar os laços de proximidade e identificação, endossando assim o seu êxito de público.

A categoria do *leitor fruidor* abarca o leque de leitores que emitem os seus pareceres de leitura sobre a obra. Pode-se assinalar a proeminência dessa categoria sobre as demais tipologias elencadas, uma vez que, na maioria das mensagens, o interesse dos leitores em tecer avaliações estéticas mostra-se constante, mesmo quando pronunciado de forma lateral junto a outros temas e demandas. Tal iniciativa constitui um ponto relevante no entendimento da recepção, considerando os modos de ler e de dizer aí trazidos. Curiosos e opinativos, os leitores se autorizam, de forma inusitada, a “falar” de literatura, revelando-se hábeis conhecedores da produção pela qual nutrem grande apreço.

Demarcando o prazer da leitura no campo próprio do sensorial, são recorrentes as emissões de juízos atrelados ao nível do “gosto”, expostos através de elogios desmesurados sobre um ou mais títulos prediletos. Avolumam-se os elogios quanto à escrita “descomplicada” e fluida dos romances de Paulo Coelho – “Gostei da forma e o jogo de palavras, é uma leitura bem acessível e gostosa!”, declara uma leitora. Os remetentes também costumam assinalar o número de faturas lidas, tomando o fator da quantidade como um alto valor de demonstração de sua estima ao escritor, o que

registra também o caráter serializado da literatura de Paulo Coelho. Nota-se, ainda, a constância com que indagam, ansiosos, sobre o lançamento de um próximo livro, o que atesta a regularidade das publicações.

A relação entre literatura e prazer se desdobra também no registro dos laços de identificação estreitados com as personagens das narrativas. É o que se pode depreender na mensagem transcrita a seguir, na qual a leitora, ao apropriar-se de um comentário feito pelo escritor, utiliza-se desse mote com o intuito de lhe explicar o seu envolvimento com os romances:

*Angelica Lauvers*  
22 / 01 / 2007 às 6:52

Paulo,

Há algum tempo tomei conhecimento de seus livros, ou melhor, suas obras literárias, e sinceramente, fiquei fascinada com o que encontrei naquelas páginas...

Li: As Valquírias, Onze minutos e o Zahir, recentemente comprei A Bruxa de Portobello, mas ainda não o li.

Olhando seu site oficial na Internet, li uma pergunta a respeito de venda dos direitos autorais de seus livros para a edição de filmes, e fiquei muito surpresa com a sua resposta, quando você disse que não venderia, pois gosta que os leitores criem suas próprias imagens, seu próprio filme...

Legal sua posição a respeito, eu por exemplo, me imagino uma Maria, não uma Maria prostituta... mas uma Maria lutadora, iludida na adolescência, moça sofrida e mulher vencedora...

fico muito feliz com seu personagem se encaixar na minha vida, e de uns dois anos para cá, fazer parte da minha história de vida.

Pois bem, seus livros me fascinam...

Abraços,

Angelica Cristina

A partir da “deixa” recolhida da fala do escritor, referente à autonomia conferida ao público para a fabulação das narrativas, a leitora recorta, estrategicamente, as imagens de sua preferência. Mostra-se, portanto, assegurada a “fusão dos horizontes” de expectativa entre autor, obra e público, de acordo com Hans Robert Jauss, fundamental para que se registre a experiência da recepção.<sup>10</sup> Protagonista de *Onze minutos*, Maria é uma brasileira que sai do país para tentar a sorte no exterior e acaba se prostituindo. A história da personagem, marcada pelo sofrimento, torna-se o motivo da grande atração, num viés de leitura que exprime valores socioculturais correntes, quando se recusa a identificação com a figura estigmatizada da prostituta em favor dos valores mais nobres, projetados sobre a personagem.

---

<sup>10</sup> JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Para se “encaixar na sua vida”, a leitora elege a faceta da moça que, sofrida, “iludida”, revela-se a mulher “lutadora” e “vencedora”. Os valores heroicos, tradicionalmente associados à coragem e à grandeza de caráter, são fartamente desenvolvidos nas narrativas de Paulo Coelho, com suas personagens obstinadas, alimentadas pela busca de superação das adversidades, retraçando os fios de ligação dos chamados *best sellers* contemporâneos com a sua matriz no folhetim.

Na apreciação do conjunto da obra, os remetentes tendem a expor também o seu descontentamento quanto aos títulos do autor que consideram não atenderem ao padrão de fluidez identificado como uma de suas maiores qualidades. São notáveis, portanto, algumas críticas dirigidas ao romance *A bruxa de Portobello*, lançado à época da inauguração dos *blogs*, em cujo enredo a vida da protagonista é descrita através de depoimentos de outras personagens, diversificadas a cada capítulo. Sobre essa estrutura diferenciada em relação aos demais livros do escritor, cujos enredos são marcados com a linearidade e firme condução da voz narrativa, destacam-se as opiniões transcritas a seguir, pelo tom relativamente reprovador:

A bruxa de Portobello, infelizmente achei que o livro não está com o seu estilo...falta alguma coisa....não está como os outros que prende o leitor e leva a devorar o livro....para falar a verdade parecia até não ser obra sua!!!...desculpe a sinceridade!!!

Pensei se era uma história da qual havia gostado.....sim, eu gostei.....mas, eu senti isso .....faltou algo, que eu não sei explicar..... Ah!, estou relendo pela enésima vez O Alquimista.....dá para entender o que eu digo que faltou? No Alquimista é tudo perfeito...a gente sente mais, ou as explicações são mais explícitas...

Essas falas, colhidas de depoimentos esparsos, levam a inferir sobre uma postura similar àquela identificada por Umberto Eco no receptor das produções massivas, o qual, por decisão autônoma, “decide avaliar as estratégias inovadoras, ainda que mínimas, ou registrar a ausência de inovação”<sup>11</sup> nos textos que consome. Ressalte-se que, à diferença das proposições de Eco, a prática da inovação é aqui encarada pelos leitores como um transtorno e não como motivo de empolgação. Tais protocolos de leitura suscitam, portanto, a apreciação de uma das mediações culturais que perpassam a recepção, a mediação do gênero, conforme a apreciação de Jesús Martín-Barbero.

Os gêneros narrativos massivos constituem estratégias de comunicação a partir das quais se agenciam as diversas formas de negociações de sentido entre produtores, produções culturais e públicos. O gênero narrativo, reportado por Martín-Barbero, não

<sup>11</sup> ECO, Umberto. A inovação no seriado. In: \_\_\_\_\_. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 30.

se confunde com o “gênero de autor”, noção concebida no campo da chamada alta modernidade estética, que, ao priorizar o valor da singularidade artística, distancia-se do manancial de comunicabilidade vigente nas produções populares e massivas, em sua mediação institucional com o mercado. Constituindo um repertório de matrizes culturais tradicionais e populares, atualizadas, recompostas e hibridizadas nas indústrias culturais, os gêneros, em suas diversas formulações, representam, mais do que uma estratégia de produção ou de escritura, uma estratégia de leitura. O gênero “não é algo que passa ao texto, mas algo que passa *pelo* texto”<sup>12</sup>, projetando uma lógica apreciável, reconhecível, que permite aos receptores identificarem, abordarem e falarem essa lógica, ainda que desconheçam as regras de sua composição.

Tal operação torna-se visível no caso daquelas críticas emitidas a Paulo Coelho pelos leitores que tiveram as suas expectativas “frustradas”, quando não reconhecem as marcas da fluidez que tanto lhes atrai nos romances. Num dos trechos recortados anteriormente, é notável como o leitor demonstra a percepção de que “falta algo” na história, e esse algo é “inexplicável”, tornando-se apenas compreensível mediante comparações com outras narrativas, o que o leva a eleger o livro de maior sucesso do autor, *O alquimista*, como a estrutura modelar a ser seguida. A dificuldade de explanar tecnicamente sobre a composição dos textos não destitui, contudo, a perícia do sujeito receptor como “falante” de um idioma que ele busca reencontrar repetidamente ao longo das publicações. A opinião lançada por uma leitora, em referência ao romance *A bruxa de Portobello*, descreve com presteza a chave do seu desfrute nessas formas narrativas: “Parece tão familiar o enfoque... um grande amor, o auge, a perda, enfim, tudo muito bom.”

Os pareceres e apreciações, os juízos de gosto e de valor estéticos e culturais emitidos nas mensagens postadas levam a refletir sobre o lugar dessa recepção numa perspectiva crítica aos critérios sedimentados pela chamada alta cultura, em seu investimento por recalcar as práticas culturais massivas. De acordo com Richard Shusterman, que defende com veemência a legitimidade dessas práticas, a cultura de massa é frequentemente detratada por uma tradição intelectual que a acusa de ser padronizada, destituída de veio artístico e de originalidade. Afirma-se que, ao contrário das artes tidas maiores, as quais tenderiam a engajar o intelecto e a vida em seus níveis mais profundos, tratando do “essencial”, as artes popularizadas e suas estéticas massivas

---

<sup>12</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. Tradução de Sílvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Brasiliense, 2002. p. 64. (grifo do autor)

contentam-se em “nos distrair com um mundo escapista de pseudo-problemas, soluções fáceis e clichês”.<sup>13</sup>

No combate a essas acusações, Shusterman associa tal postura crítica aos valores elitistas que tomam como significativo da experiência humana apenas o “novo” e o “difícil”. Esse julgamento é representativo da renúncia ascética – “uma das várias formas utilizadas pelos intelectuais, desde Platão, para subordinar o poder desgovernado e a invocação sensorial da estética”. Contra as pressões totalizadoras das artes maiores e de seus defensores, o autor contesta a pretensão de “confinar a legitimidade estética tal como é aceita socialmente àquela que é reconhecida pela comunidade intelectual”. A esse propósito, acrescenta que “a legitimação possui outras formas mais poderosas que a teoria filosófica; a arte popular pode ser legitimada esteticamente pelas experiências que ela fornece”.<sup>14</sup>

Respalhando em vários aspectos os modos de ler registrados nas mensagens do público que escreve a Paulo Coelho, essas colocações são proveitosas para compreender o modo pelo qual as exigências de uma leitura regida pelos critérios da “alta cultura” mostram-se aqui impropriedades. Os juízos de valor emitidos pelos leitores escapam, sem dúvida, à arbitragem do estético na sua versão hegemônica, a qual, firmada no seio da metafísica ocidental, de acordo com Shusterman, providenciou a “separação histórica entre arte e vida”, negligenciando a dimensão prática da arte, incorporada, encarnada nas experiências dos usuários ou receptores.

Diante das mensagens postadas nos *blogs*, para além da dimensão estética, as conexões entre arte e vida perpassam outras mediações engendradas nas demandas e expectativas emitidas. Como um bem simbólico disponível ao consumo e à recepção, a literatura serve a usos e fins diversos na vida desses leitores, decorrentes de experiências individuais e socioculturais também diversas. As formas de identificação e projeção, as homenagens em torno da figura institucionalizada do escritor, bem como os pedidos e solicitações e até as “reprimendas”, constituem práticas subjetivas e culturais que, a partir da literatura, extrapolam os seus contornos ou limites textuais intrínsecos para inseri-la no campo da cultura.

O lugar ocupado por Paulo Coelho na deflagração desses usos é significativo, tendo em vista os vínculos firmados durante a sua trajetória profissional. Tais vínculos se refletem no exercício de uma produção textual pautada na comunicabilidade, fiel aos

---

<sup>13</sup> SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*. Tradução de Gisela Domschke. São Paulo: Editora 34, 1998. p.120.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p.136.

esquemas e arranjos estéticos dos gêneros massivos, o que torna possível às suas narrativas serem amplamente assimiladas por um público heterogêneo, em diversas chaves de leitura, numa escala mundializada. A distribuição vertiginosa de seus livros, disponibilizados na internet, em livrarias tradicionais, bancas de jornal ou ainda em catálogos de cosméticos, como a popular revista *Avon*, contribuem para configurar a feição dilatada do produtor cultural, contraposta ao legado de uma tradição que sedimentou o *status* da arte à distância do aval do grande público.

As categorias de leitores, expostas aqui numa visão panorâmica, dão margens a caminhos diversos por onde empreender o entendimento da recepção de Paulo Coelho, o que elimina a possibilidade e o propósito de esgotá-las ou de enfeixá-las num sentido unívoco. Contudo, pode-se inferir que, no exercício dessa correspondência travada na mídia digital, a partir dos pactos e protocolos de leitura registrados, são vislumbradas trocas simbólicas e culturais extremamente significativas tanto para o escritor quanto para esse público que a ele se dirige.

As demandas e expectativas depositadas em torno de sua produção e de sua figura permitem a Paulo Coelho conferir e ratificar um prestígio que, conquistado à revelia dos protocolos de legitimidade vigentes em instituições literárias tradicionais, como a academia e a crítica especializada, continua sendo registrado maciçamente nesse campo de consagração alternativo, proporcionado com a mídia dos *blogs*. Os leitores, por seu turno, têm a oportunidade de se desviarem do monopólio intelectual sobre o discurso estético ou literário, à medida que produzem e registram as suas técnicas de leitura e relatos de recepção tidos não especializados, os quais muitas vezes são subjugados em detrimento de uma concepção hegemônica de arte.

Capturando a dimensão de tal feito, uma remetente declara com sagacidade: “A ideia desse blog foi maravilhosa, pois por alguns momentos os papéis foram invertidos, nós leitores passamos a ser também escritores e esse é sem dúvidas o seu diferencial!” Nesse jogo de posições, a leitora define o seu papel, que pode ser interpretado como representativo para todo esse público aí presente. Em seu *status* de leitores ditos comuns, os receptores procuram, de forma particularizada, dar um outro alcance e dimensão às suas práticas, às suas leituras e expressões, na inusitada oportunidade em que se manifestam, quando se dirigem à internet para prostrar e homenagear o autor de suas preferências.

## REFERÊNCIAS

- BRETON, Philippe. El culto internet: contracultura y exaltación de la juventud. *Le Monde Diplomatique*, Edición Cono Sur, n. 16, oct. 2000, p. 33. Disponível em: <[www.insumisos.com/diplo/NODE/2553.HTM](http://www.insumisos.com/diplo/NODE/2553.HTM)>. Acesso em: 19 jun. 2007.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CERTEAU, Michel de. *Artes de fazer: a invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. (v. 1)
- COELHO, Paulo. *Onze minutos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- ECO, Umberto. A inovação no seriado. In: \_\_\_\_\_. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Tradução de António Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 2002.
- GIRON, Luís Antônio. *Mente aberta*. *Época*, São Paulo, n. 436, set. 2006.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LEMONS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMONS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23 Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/cibercultura.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2008.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. Tradução de Silvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- SITE OFICIAL DE PAULO COELHO. Produzido por Online Internet Services. Disponível em: <[www.paulocoelho.com.br](http://www.paulocoelho.com.br)>. Acesso em: 19 set. 2010.
- VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Tradução de Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.